



VANGUARDAS EUROPEIAS

Os anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial - período chamado de Belle Époque - e os que se seguiram ao conflito foram anos de inovação nas artes. A Europa ainda era o epicentro da vida cultural ocidental e todas as vanguardas surgiram no Velho Continente, promovendo a ruptura com a arte feita até então.

EXPRESSIONISMO



Surgido no final do século XIX em contraponto ao Impressionismo nas artes plásticas, o Expressionismo busca a comunicação das sensações e sentimentos mais interiores do artista, inclusive as que estavam contidas. Irracional, individualista e com uma visão pessimista da realidade, o Expressionismo defendia, na literatura, o uso de versos livres, de períodos sem sujeito e de escritos que retratassem a decadência da sociedade burguesa e a angústia do ser humano. É possível identificar alguns traços expressionistas em obras de Mário de Andrade, Graciliano Ramos e de Augusto dos Anjos, autor do poema abaixo:

Queixas Noturnas

[...] As minhas roupas, quero até rompê-las!
Quero, arrancado das prisões carnavais,
Viver na luz dos astros imortais,
Abraçado com todas as estrelas!

A Noite vai crescendo apavorante
E dentro do meu peito, no combate,
A Eternidade esmagadora bate
Numa dilatação exorbitante!



[...]
Que dentro de minh'alma americana
Não mais palpite o coração — esta arca,
Este relógio trágico que marca
Todos os atos da tragédia humana!
[...]



Pintura expressionista (Ernst Kirchner, 1913)



FUTURISMO

Uma das primeiras vanguardas surge na Itália com a publicação do Manifesto Futurista de Filippo Marinetti em 1909. Os futuristas eram muito patriotas e valorizavam símbolos da modernidade, como o automóvel, a velocidade e as engrenagens das máquinas. Para a literatura, o Futurismo previa a “liberdade para a palavra”, escrevendo com versos livres, sem o uso de adjetivos, advérbios e sinais convencionais de pontuação, com muitas onomatopeias, interjeições, exclamações e até mesmo símbolos não literários. O Futurismo influencia Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa, e o brasileiro Oswald de Andrade, que usa bastante ironia, provocação e humor. Abaixo está um trecho do poema Ode Triunfal, de Álvaro de Campos:



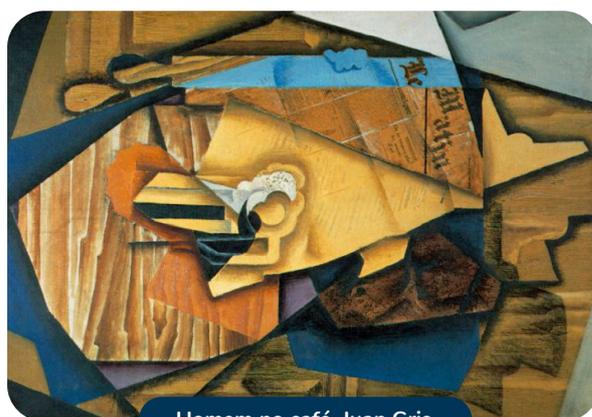
Fernando Pessoa

[...] Eia comboios, eia pontes, eia hotéis à hora do jantar,
Eia aparelhos de todas as espécies, férreos, brutos, mínimos, Instrumentos de
precisão, aparelhos de triturar, de cavar,
Engenhos brocas, máquinas rotativas!

Eia! eia! eia!
Eia electricidade, nervos doentes da Matéria!
Eia telegrafia-sem-fios, simpatia metálica do Inconsciente!
Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!
Eia todo o passado dentro do presente!
Eia todo o futuro já dentro de nós! eia! [...]

CUBISMO

Bastante conhecido nas artes plásticas, sobretudo na pintura, o Cubismo aposta na fragmentação, com construções não convencionais de imagens - em especial com formas geométricas - nos quadros e de palavras nas páginas dos livros. Em ambos, estava abolida a mimesis, afinal, para os cubistas, o artista tem de criar suas próprias obras, não copiar modelos.



Homem no café, Juan Gris



Na literatura, além da disposição do texto de maneira criativa pela página, o cubismo influencia a criação de novas palavras - neologismos - e, assim como o Futurismo, incentiva o uso de frases soltas, com poucos adjetivos, do verso livre e da sintaxe criativa (elementos fora da ordem lógica na frase).

Novamente, Oswald de Andrade é influenciado pela vanguarda ao criar poemas que são como colagens, a exemplo deste, que descreve uma cidade de diferentes pontos de vista:

Cidade

Foguetes pipocam o céu quando em quando
Há uma moça magra que entrou no cinema
 Vestida pela última fita
Conversas no jardim onde crescem bancos
 Sapos
 Olha
A iluminação é de hulha branca
 Mamães estão chamando
A orquestra rabecoa na mata

DADAÍSMO

Surgido durante a Primeira Guerra Mundial, o Dadaísmo refletia a desesperança dos artistas radicados na Suíça, país que permaneceu neutro durante o conflito. Dadaísmo é a arte do nada, pois até o nome do movimento nada significa. Exagerados e irreverentes, os dadaístas eram artistas contra a arte e criavam obras que chocavam as pessoas.



A fonte, Fontaine
Duchamp

Alguns poetas dadaístas criavam seus poemas recortando palavras de jornais e colando-as aleatoriamente numa folha. Na escrita, os dadaístas se interessavam mais pela sonoridade das palavras do que pelo significado, e criticavam a sociedade burguesa que estava promovendo a guerra. Há alguns elementos dadaístas na obra de Mário de Andrade, como no trecho a seguir de Ode ao Burguês, em que ele critica a burguesia:

Eu insulto o burguês!
O burguês-níquel o burguês-burguês!
A digestão bem-feita de São Paulo!
O homem-curva! O homem-nádegas!
O homem que sendo francês, brasileiro, italiano,
é sempre um cauteloso pouco-a-pouco!



Eu insulto as aristocracias cautelosas!
Os barões lampiões! Os condes Joões! Os duques zurros!
Que vivem dentro de muros sem pulos,
e gemem sangue de alguns mil-réis fracos
para dizerem que as filhas da senhora falam o francês
e tocam os “Printemps” com as unhas! (...)

SURREALISMO



Jorge de Lima

Descrito por André Breton em três manifestos publicados entre 1924 e 1940, o Surrealismo rompia com a ordem convencional das palavras nas frases e a associação de ideias. Descendente direto do Dadaísmo, o Surrealismo unia arte e psicanálise, tendo o sonho como base para criações - e, no mundo dos sonhos, as coisas não precisam seguir regras lógicas. Na literatura, defendiam a escrita automática, em que o escritor depositava seu fluxo de pensamentos no papel, sem organizar as ideias e sem se preocupar com concordância e pontuação. Vários autores recebem influência surrealista, entre eles Jorge de Lima, que imprime um tom de sonho neste poema:

A mão enorme

Dentro da noite, da tempestade,
a nau misteriosa lá vai.
O tempo passa, a maré cresce,
O vento uiva.
A nau misteriosa lá vai.
Acima dela
que mão é essa maior que o mar?
Mão de piloto?
Mão de quem é?
A nau mergulha,
o mar é escuro,
o tempo passa.

Acima da nau
a mão enorme
sangrando está.
A nau lá vai.
O mar transborda,
as terras somem,
caem estrelas.
A nau lá vai.
Acima dela
a mão eterna
lá está.